



TECNOLOGIA SOCIAL

POSSÍVEIS

EMPREENDEDORES

SÃO PAULO, 2021



REDE DESIGN POSSÍVEL

TECNOLOGIA SOCIAL POSSÍVEIS EMPREENDEDORES

Publicação: **Rede Design Possível**

Autores:

Alice Naomi Takahashi Nishikiori
Elisabete Castanheira
Erica Ribeiro de Andrade
Isadora Candian dos Santos
Ivo Eduardo Roman Pons
Julia Asche Cintra Ferreira
Nara Sílvia Marcondes Martins

Presidente

Nara Sílvia Marcondes Martins

Conselho Fiscal

Carlos Eduardo Teixeira Scheliga
Denise Castanho Antunes
Elaine Fernandes Landulfo

Conselho Consultivo

Christian Ullmann
Olavo Egydio de Souza Aranha

Revisão: **Nara Sílvia Marcondes Martins**

Projeto Gráfico: **Luciano Schinke**

Concepção Editorial e Edição
Executiva: **Elisabete Castanheira**

2021

Copyright Rede Design Possível

CNPJ 10.596.973/0001-99

São Paulo – SP

contato@designpossivel.org

www.designpossivel.org

Esta publicação faz parte do projeto "SP 40 - Redes de Confeção Possíveis e Solidárias Empoderando Mulheres" no âmbito do Acordo de Cooperação Técnica e Financeira Nº 09.2.0708.1/2009, celebrado entre Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES e Fundação Banco do Brasil.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rede Design Possível : tecnologia social possíveis empreendedores / Alice Naomi Takahashi Nishikiori...[et al.]. -- São Paulo : Design Possível, 2021.

Outros autores: Elisabete Castanheira, Érica Ribeiro de Andrade, Isadora Candian dos Santos, Ivo Eduardo Roman Pons, Julia Asche, Nara Sílvia Marcondes Martins

Bibliografia.

ISBN 978-65-994491-0-9

1. Desenvolvimento social 2. Economia solidária
3. Empreendedores 4. Rede Design Possível (São Paulo, SP) 5. Tecnologia - Aspectos sociais I. Nishikiori, Alice Naomi Takahashi. II. Castanheira, Elisabete. III. Andrade, Érica Ribeiro de. IV. Santos, Isadora Candian dos. V. Pons, Ivo Eduardo Roman. VI. Asche, Julia. VII. Martins, Nara Sílvia Marcondes.

21-63108

CDD-303.483

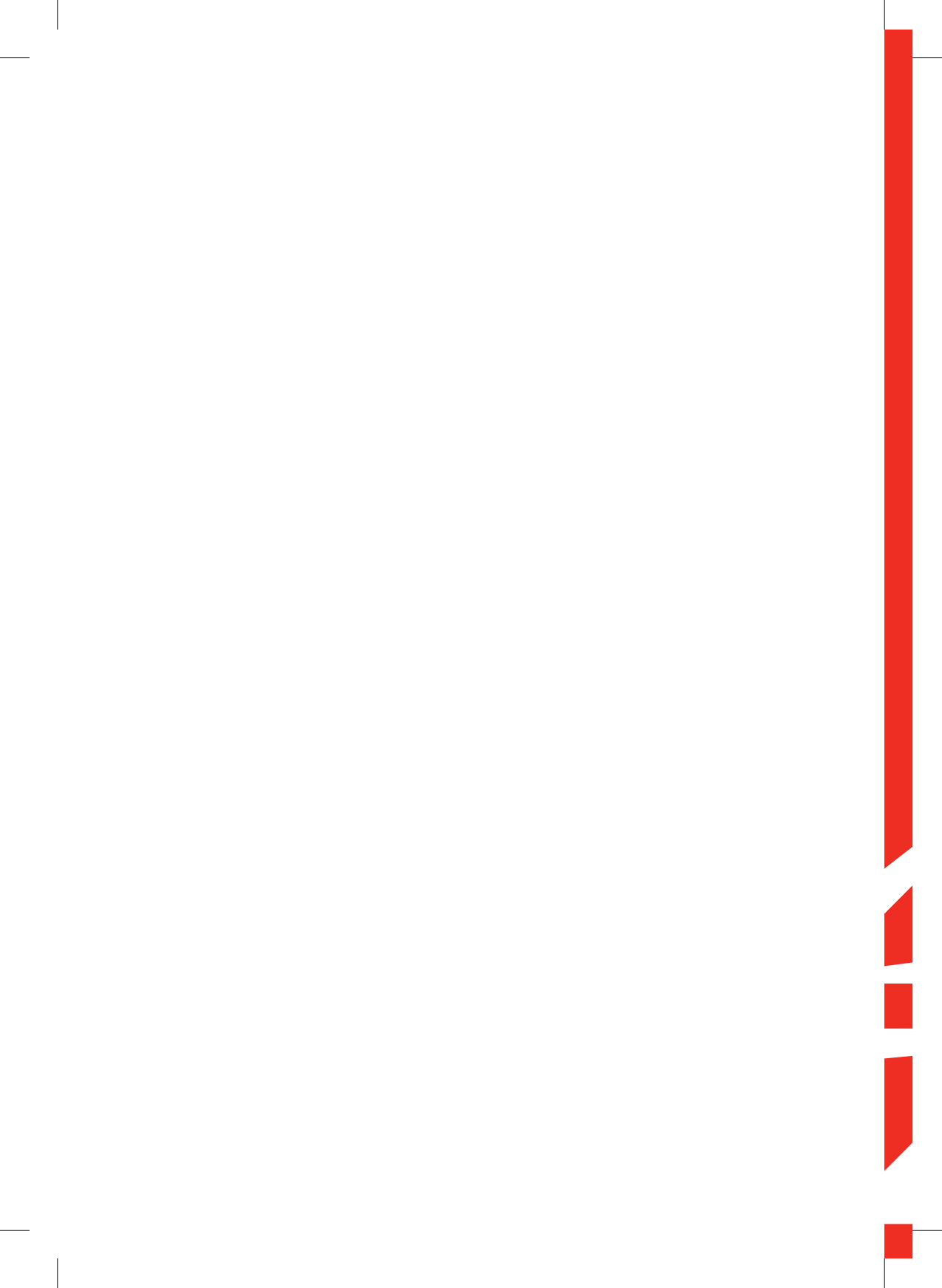
Índices para catálogo sistemático:

1. Rede Design Possível : Tecnologia social :
Sociologia 303.483



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
I - SOCIEDADE, DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE	09
II - DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	15
III - TECNOLOGIA SOCIAL	21
IV - POSSÍVEIS EMPREENDEDORES	25
V - SOBRE AS AUTORAS E AUTORES	49
REFERÊNCIAS	53





APRESENTAÇÃO





Segundo dados da **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD**, o ano de 2019 viu o incremento do trabalho informal, alcançando a marca de 41% da população ocupada, o que equivale a mais de 38 milhões de pessoas. A informalidade, geralmente acompanhada da desqualificação profissional, contribui ainda mais para a, já marcante, desigualdade social brasileira.

Para um país de dimensões continentais como o Brasil, equacionar, e sobretudo, implementar programas de capacitação e geração de renda torna o objetivo de uma sociedade justa, do ponto de vista social e econômico, uma tarefa ampla, complexa e que demanda a participação ativa da sociedade civil.

É exatamente este o escopo de trabalho da Rede Design Possível. Fomentar a sustentabilidade em suas distintas dimensões, em especial a social, por meio do design de serviço, dos processos colaborativos e da inovação social.

A Rede Design Possível é uma associação sem fins lucrativos formada, em sua maioria, por designers que, pela natureza de sua formação, são profissionais com uma visão do todo e das partes. O papel do design “pode ser sintetizado como a atividade que, ligando o tecnicamente possível com o ecologicamente necessário, faz nascer novas propostas que sejam social e culturalmente aceitáveis” (MANZINI; VEZZOLI, 2002, p.20).

Desenvolvimento sustentável, sustentabilidade, reutilização, entre tantas outras palavras, estão intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento projetual do design. Disrupção é, também, mais uma destas palavras.

Mas, o que é disrupção? Disrupção para quem? E por quê?

O conceito de disrupção converge para a premissa da descontinuidade sistêmica (MANZINI, 2008), ou seja, a necessidade de interromper o padrão estabelecido para a instalação de outro, mais alinhado às novas necessidades como repensar as dinâmicas de utilização dos recursos naturais, a forma de interação com os objetos e a convivência com a obsolescência, que naturaliza o consumo desnecessário subjugado ao valor da marca e aos objetos do desejo. É disto que trata, de forma sintética, a primeira parte desta publicação.



E com a pandemia da COVID19 no ano de 2020 chegou uma disrupção que ninguém aguardava ou desejava. Da fissura social, que o confinamento deixou evidente, emergiu a certeza de que uma sociedade equânime só é possível com o desenvolvimento sustentável expresso, em toda a sua abrangência, nos objetivos da Agenda 2030, cuja transversalidade e desdobramentos, de forma sucinta, são abordados na segunda parte deste texto.

A interdisciplinaridade que rege os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) é também o que pauta a Tecnologia Social, que, ao mesmo tempo em que procura o desenvolvimento da dimensão social, levando em conta impactos e desdobramentos, também fomenta o desenvolvimento por meio de métodos por e para a comunidade. É sobre o produto e o processo da Tecnologia Social que trata a terceira parte do conteúdo, incluindo a Tecnologia Social – a Possíveis Empreendedores.

Os 17 anos da Rede Design Possível, 4 como projeto de extensão e 13 como associação, foram resgatados na quarta parte deste documento, em especial, o relato do projeto “Redes de Confecção Possíveis e Solidárias Empoderando Mulheres”, realizado com o apoio da Fundação Banco do Brasil, em parceria com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, e que tornou possível esta publicação. O que seria a transformação pela capacitação e autonomia adquiriu outros contornos em cenário de pandemia. Flexibilização, resiliência, adaptação, entre tantas outras palavras, definiram o ano de 2020 e fizeram parte deste projeto que foi desenvolvido entre 2019 e 2021.

Esta iniciativa vem reforçar a trajetória do Design Possível na economia solidária, no comércio justo, na equidade de gênero e no arranjo em redes, reafirmando a efetividade da Tecnologia Social como elemento articulador e aglutinador para uma sociedade justa e sustentável, na perspectiva social, econômica, ambiental e cultural.

Repensar as soluções, os materiais, os processos de fabricação, o ciclo de vida, o descarte, a questão da obsolescência, sempre na perspectiva dos impactos causados ao meio ambiente, integram o ofício do design e sintetizam a missão da Rede Design Possível. Repensar, decisões e posturas configuram o único caminho possível para a construção de um compromisso que é de todos, o da sustentabilidade.





I.

SOCIEDADE, DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE

Elisabete Castanheira
Ivo Eduardo Roman Pons





O ciclo de utilização desenfreada dos recursos naturais ganha força após a Revolução Industrial, diante da evolução dos meios produtivos e do consumo crescente. Falar de desmatamento, poluição, falta de saneamento, excesso de automóveis, entre tantos outros excessos, já é falar do cotidiano. Do cotidiano de todos nós.

Todas essas transformações que marcaram o desenvolvimento da humanidade acabaram por deixar para o século XX uma pauta urgente, a busca pela sustentabilidade. Mas, como alcançar este estágio? A quem cabe traçar este percurso? Por onde começar?

São muitas as perguntas. Poucas respostas e, infelizmente, algumas delas, equivocadas.

Talvez a primeira pergunta seja, o que é sustentabilidade? Subdimensionada muitas vezes, em sua abrangência, a noção de sustentabilidade no Brasil mostrou-se frágil, e em muitos casos, inexistente.

A gênese da palavra sustentabilidade está vinculada ao manejo florestal e, segundo Boff (2012), foi a partir da década de 1970, com o relatório Os Limites do Crescimento, que passa, gradualmente, a ser entendida de forma integral assente em um tripé: Produto/Lucro, População e Planeta (em inglês Profit, People e Planet), também conhecido como os 3 Ps (Imagem 1).

Há, ainda, outra leitura do mesmo trio, para Boff (2012): poder do Estado (política), setor produtivo (empresariado) e sociedade civil (consumidores da sociedade em geral) que, na perspectiva do autor, apresenta viés mais técnico, operacional, enfatizando a articulação entre os interlocutores.



Imagem 1.

Tripé da sustentabilidade

Fonte: disponível <https://b.kisscc0.com/20180815/hlq/kisscc0-triple-bottom-line-sustainability-business-model-v-stroke-5b741d3c9410c3.0909808815343363166065.png>



A pluridimensionalidade do conceito de sustentabilidade contempla o âmbito social, econômico e ambiental. O primeiro deles se refere ao contexto em que a produção e a distribuição promovem o equilíbrio entre a riqueza gerada e a utilização dos recursos naturais, por meio de um modelo econômico menos agressivo.

A sustentabilidade, em sua dimensão social, contempla o coletivo, o indivíduo enquanto o todo, enquanto sociedade. E, só será possível obter esta noção de coletividade quando houver o equilíbrio de direitos e oportunidades para todos, ou, em outras palavras, quando não houver mais desigualdade social.

A dimensão social está, obviamente, relacionada com os aspectos econômicos e ambientais, na medida em que as respostas às demandas da sociedade são diretamente proporcionais à utilização dos recursos naturais. Para que esta dimensão possa ser concretizada é fundamental haver igualdade social, por meio do atendimento de todas as necessidades e o acesso a todas as oportunidades de forma igualitária, além de poder haver também a participação efetiva do cidadão.

Por fim, e como a própria designação refere, a terceira dimensão da sustentabilidade, a ambiental, ou ecológica, diz respeito aos recursos naturais que podem ser analisados sob dois pontos de vista (MANZINI, 2008): a resiliência e o capital natural. Palavra recorrentemente utilizada nos últimos tempos, a resiliência, diz respeito aos limites de flexibilização a que somos capazes de chegar sem que o processo se torne irreversível. O capital natural, por sua vez, trata dos recursos não renováveis, que demandam conservação, racionalização, mas, sobretudo, investimento em pesquisa para desenvolvimento e substituições que não sejam prejudiciais ao meio ambiente.

A literatura especializada, além das dimensões mencionadas, aponta outras duas que integrariam o âmbito atualizado do conceito de sustentabilidade: a espacial (SACHS, 1993) e a cultural (WERBACH, 2010). A primeira delas, a espacial, diz respeito às concentrações populacionais e os problemas daí decorrentes; a segunda, a cultural, faz referência aos elementos que caracterizam determinado grupo.

Há que se distinguir a dimensão ecológica da ambiental (FROEHLICH, 2014). Enquanto a primeira contempla as boas práticas na utilização dos re-



curiosos naturais, a segunda aborda a articulação de estratégias que protejam e permitam o resgate do ecossistema. E, por fim, há que se mencionar a dimensão política (PAWLOWSKI, 2008) que guarda relação direta com a noção de cidadania (ALENCASTRO, 2015).

O reequilíbrio do planeta, no entanto, para além de modelos, demanda a mudança comportamental. De outra forma torna-se inviável a nulidade do impacto ambiental (BOFF, 2012). Portanto, antes de tudo, cabe a visão realista e factível dos modelos a serem aplicados.

A política dos 3 Rs ampliada para 5 Rs e (Imagem 2), posteriormente, para 7 Rs, sintetiza o conjunto de práticas que estão na gênese da mudança comportamental que se faz necessária em termos transversais e estruturais. Ao reduzir, reutilizar e reciclar, se juntam o reparar, o reintegrar e o recusar.

Ao contrário da economia linear, a economia circular, diretamente relacionada com a política dos *erres*, promove a reintegração e a renovação dos objetos no ciclo de vida do produto o que retarda o seu descarte e, portanto, colabora com a economia de recursos.

A economia circular, por meio de processos de reutilização, reparo, transformação, entre outros, prolonga a vida útil de produtos evitando a aquisição de novas matérias-primas, ao mesmo tempo em que dinamiza novas formas de interação e negócios.

O cenário de pandemia que se instalou em março de 2020 realçou, de forma cruel, a desigualdade social brasileira, e só veio confirmar a urgência do desenvolvimento sustentável em suas dimensões social, econômica, cultural e ambiental.

As manifestações, os muitos protocolos e acordos sobre sustentabilidade, elaborados em termos globais, dizem da urgência do tema que, ainda que tardiamente, também começam a se aproximar do setor empresarial fazendo repensar processos, mas, sobretudo, valores que se refletem em marcas, consumidores e posicionamentos.

Ainda que possa parecer um paradoxo, a verdadeira sustentabilidade é diametralmente oposta ao estado de conservação (MANZINI, 2008). É urgente haver uma desconstrução da dinâmica instalada, a descontinuidade sistêmica, e que configura uma transformação em dois eixos: vertical e hori-



Imagem 2.

Representação da sustentabilidade e economia circular

Fonte: Igui Ecologia <https://www.iguiecolgia.com/e-cycle-ou-economia-circular/>

zonal. Vertical, porque contempla todas as instâncias e, horizontal, porque é um processo abrangente e, somente sendo transversal, se tornará coletivo.

A desconstrução, em Manzini (2008), passa também pelas relações que os indivíduos têm vindo a estabelecer com os objetos, ao longo da história. Com o desenvolvimento dos processos e a produção em massa os custos de produção diminuíram drasticamente fomentando o consumo muitas vezes de produtos que não necessitamos.

Para além do consumo desenfreado há o paradoxo contemporâneo da durabilidade dos produtos. Com materiais, processos e tecnologias cada vez mais sofisticados como os produtos apresentam vidas úteis cada vez menores? É a obsolescência.

De maneira muito simplista é possível dizer que a obsolescência é uma forma intencional de reduzir a vida útil de produtos tendo como objetivo o incremento do consumo.

Em outras palavras, os produtos já saem das fábricas com a sentença de morte decretada. Esta é a obsolescência programada, mas, existe ainda a percebida e a tecnológica. A obsolescência percebida acontece quando, intencionalmente, novos produtos são lançados apenas para desvalorizar, do ponto de vista da forma, os lançamentos anteriores. Quando surge um novo produto em decorrência do desenvolvimento natural da tecnologia ocorre a obsolescência tecnológica.

Nesta perspectiva torna-se crucial a contribuição indistinta, seja no desenvolvimento de produtos, nos processos industriais e nas dinâmicas de consumo, para um realinhamento em direção à sustentabilidade.





DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**Elisabete Castanheira
Ivo Eduardo Roman Pons
Nara Sílvia Marcondes Martins**





No entanto, é na década de 1980 que o desenvolvimento sustentável emergiu, enquanto conceito abrangente e, absolutamente imprescindível, como forma de se atingir a sustentabilidade e, assim, responder aos desafios da transição entre os séculos XX e XXI.

Embora inicialmente relacionada apenas aos aspectos ambientais, o conceito de sustentabilidade mostrou-se como pluridimensional e, mais do que objetivar metas, demanda processos igualmente sustentáveis. Pode parecer óbvio falar de processos sustentáveis para se atingir metas igualmente sustentáveis, mas nem sempre o raciocínio foi tão linear assim.

O desenvolvimento sustentável demanda a redefinição das práticas cotidianas individuais, para a transformação coletiva. É a reaprendizagem social que recebe a denominação de descontinuidade sistêmica em Manzini (2008) e que contempla escalas distintas: a individual, a coletiva, a empresarial e a governativa.

Desconstruir a dinâmica instalada e reprogramar os processos na direção da sustentabilidade passa pela coerência, pela escolha e pela regeneração.

Coerência

Ser coerente com os fundamentos da sustentabilidade em sua equidade social, justiça econômica e preservação ambiental.

Escolha

Levar em conta a qualidade e a quantidade de energia, além do processo produtivo e o ciclo de vida integral dos produtos.

Regeneração

Retroalimentar o ambiente local e contribuir para a regeneração dos recursos disponíveis, sejam ambientais, sociais ou econômicos, levando em consideração o contexto de uso e a qualidade dos recursos, sempre na perspectiva do potencial regenerativo.

A relevância do desenvolvimento sustentável fez com que, na década de 1960, a ONU - Organização das Nações Unidas – lançasse o PNUD



– Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, cuja meta é o combate à pobreza e o fomento ao desenvolvimento humano¹ (desenvolvimento social, governança democrática, segurança pública e justiça além do meio ambiente).

No final da década de 1980, quando foi publicado o relatório Brundtland (*Our Common Future* - Nosso Futuro Comum) surge para o mundo a expressão Desenvolvimento Sustentável que, apresenta a seguinte definição: “O desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades” (CMMAD, 1987, np).

Em 1992, na Rio 92 - Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento - mais de 100 países debateram a sustentabilidade e, deste encontro, resultou a Declaração do Rio sobre o Meio Ambiente, que tem como premissa o desenvolvimento sustentável e a proteção ao meio ambiente e ao homem. Nessa ocasião foi adotada a Agenda 21, o primeiro documento global de intenções com foco no século XXI.

No final do século XX, a ONU lançou um documento, fruto de uma série de cúpulas e da contribuição de estudiosos e pesquisadores, com foco nos 15 anos seguintes, o ODM – Objetivos do Milênio, 8 Jeitos de Mudar o Mundo.

No ano de 2012, novamente no Rio de Janeiro, aconteceu um evento de extrema relevância para a discussão da sustentabilidade: a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20. Neste encontro, além da avaliação dos resultados pós Rio 92, foram elencadas também as lacunas, a partir dos objetivos anteriormente traçados, além de novas demandas surgidas pelos desafios emergentes.

O Futuro que Queremos² é o documento resultante da iniciativa que, entre muitas outras resoluções, reconfirmou o compromisso anteriormente assumido com o “desenvolvimento sustentável e com a promoção de um futuro econômico, social e ambientalmente sustentável para o nosso planeta e para as atuais e futuras gerações” (ONU, 2012 np).

1 <https://nacoesunidas.org/agencia/pnud/>

2 <http://www2.mma.gov.br/port/conama/processos/61AA3835/O-Futuro-que-queremos1.pdf>



Como objetivo principal, o documento aponta a economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável; a erradicação da pobreza; o reforço das 3 dimensões do desenvolvimento sustentável; o reforço dos acordos intergovernamentais para o desenvolvimento sustentável, entre muitos outros pontos. “Essa orientação guiou as ações da comunidade internacional nos três anos seguintes e deu início ao processo de consulta global para a construção de um conjunto de objetivos universais de desenvolvimento sustentável para além de 2015” (ONU, 2015, np).

A construção da agenda pós 2015 trouxe o que hoje conhecemos como Agenda 2030³ e os ODS:

Os 17 Objetivos são integrados e indivisíveis, e mesclam, de forma equilibrada, as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental. São como uma lista de tarefas a serem cumpridas pelos governos, a sociedade civil, o setor privado e todos os cidadãos na jornada coletiva para um 2030 sustentável. Nos próximos anos de implementação da Agenda 2030, os ODS e suas metas irão estimular e apoiar ações em áreas de importância crucial para a humanidade: Pessoas, Planeta, Prosperidade, Paz e Parcerias (ONU, 2015, np)

As 169 metas que compõem a Agenda 2030 estão condensados em 17 itens, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ODS (Imagem 3):

- **Objetivo 1:** Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares;
- **Objetivo 2:** Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável;
- **Objetivo 3:** Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades;

³ A íntegra do documento: http://www.itamaraty.gov.br/images/ed_desenvsust/Agenda2030-completo-site.pdf



Imagem 3. Quadro ODS

Fonte: ONU. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/> >

- **Objetivo 4:** Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos;
- **Objetivo 5:** Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas;
- **Objetivo 6:** Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos;
- **Objetivo 7:** Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos;
- **Objetivo 8:** Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos;
- **Objetivo 9:** Construir infra estruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação;
- **Objetivo 10:** Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles;
- **Objetivo 11:** Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis;
- **Objetivo 12:** Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis;

- 
- **Objetivo 13:** Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos;
 - **Objetivo 14:** Conservar e usar sustentavelmente os oceanos, os mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável;
 - **Objetivo 15:** Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade;
 - **Objetivo 16:** Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis;
 - **Objetivo 17:** Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Mais do que complementares, os 17 ODS, são interconectados e mapeiam a reestruturação necessária para que o desenvolvimento sustentável seja alcançado. A intersecção entre os documentos dos Objetivos do Milênio e a Rio+20 amplia a abrangência rumo à sustentabilidade, distribuindo tarefas e compromettimentos.



TECNOLOGIA SOCIAL

Isadora Candian
dos Santos





Quando falamos de ciência e tecnologia é comum relacionar essas áreas às atividades que são realizadas em laboratórios, ou que envolvem máquinas complexas e programas, e que são essencialmente orientadas para “o desenvolvimento do nosso mundo e sociedade” - de uma forma bastante genérica. Essa concepção acaba por trazer uma visão da ciência e da tecnologia como áreas de conhecimento neutras e que buscam única e exclusivamente o progresso técnico e científico, isentas de ideologias e orientações de cunho político, econômico e/ou social.

Historicamente essa concepção tem fundamentação no Positivismo Lógico, mas autores do campo da sociologia da ciência, como Tomas Kuhn (1962/2013), Pierre Bourdieu (2001), Bruno Latour e Steve Woolgar (1988/1997), ajudaram a fundamentar as bases do que hoje é chamado de campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), criticando essa visão que dizia que a ciência era neutra por si só, e que ela é universal, aplicável em qualquer contexto.

Esse questionamento veio principalmente no final da década de 60, quando o chamado “progresso científico” estava sendo cada vez mais questionado pelo impacto e sequelas deixadas por acidentes nucleares, derramamentos de petróleo e demais exemplos que demonstravam o descontrole dos avanços da tecnologia e da ciência, e os movimentos de contracultura, que questionavam especialmente a tecnologia e seu papel não neutro no cenário mundial.

No início da década de 70 começa a ser formado o campo dos estudos CTS, que se consolida como campo interdisciplinar, e busca “compreender a dimensão social da ciência e da tecnologia, tanto desde o ponto de vista dos seus antecedentes sociais como de suas consequências sociais e ambientais” (BAZZO; VON LISINGEN; PEREIRA, 2003, p. 125). Nesse sentido, passa-se a defender o ponto de vista de uma ciência e uma tecnologia não-neutras ou autônomas, mas sim inseridas em contextos sociais, econômicos e políticos, que orientam escolhas e processos técnicos e científicos.

Assim, a partir desse período passam a existir importantes discussões que vão questionar o papel da ciência e tecnologia no mundo, como ela é feita e suas metodologias. A discussão da Tecnologia Social está inserida nesse contexto da história da tecnologia, suas críticas e formulações. Dagnino (2009), citando a Rede de Tecnologia Social (RTS), afirma: “entende-se a Tecnologia



Social (TS) como compreendendo ‘produtos, técnicas e/ou metodologias re-aplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social’” (DAGNINO, 2009, p. 8).

A origem dessa construção está nos movimentos de Tecnologia Apropriada (TA), especialmente no início do século XX na Índia, protagonizados por Mahatma Gandhi, que defendia a apropriação de tecnologias modernas pelas populações mais pobres, como forma de promover um crescimento econômico e social da sociedade hindu. Dessa forma, “O movimento da TA, embora não tivesse sido delineado dessa forma, foi uma importante inovação em termos da teoria do desenvolvimento econômico” (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004, p. 23).

Posteriormente, a TA teria sido difundida como forma alternativa para o desenvolvimento econômico, devido a inacessibilidade da Tecnologia Convencional (TC) de ponta, seguindo os pressupostos e princípios de: tecnologia preexistente; adaptação a propósitos específicos; baixo investimento; geração de empregos; simplicidade organizacional; adaptação sociocultural; autossuficiência local; economia de recursos; uso de recursos renováveis; controle social (MEZZACAPPA; ZANIN, 2012).

Contudo, a TA começa a ser criticada por ter como base a perspectiva de visão linear e determinista de desenvolvimento da tecnologia, e também por ter como pressuposto de que apenas a disponibilização de tecnologia para países periféricos e para populações pobres seriam suficientes para superar condições de subdesenvolvimento econômico e social. Ou seja, seria necessário criticar o desenvolvimento tecnológico como um todo dos países periféricos e sua relação com a manutenção do capitalismo, e não apenas criar formas de transferência de tecnologia, como se o problema estivesse apenas no acesso à tecnologia, e não em sua concepção e elaboração - ou ainda, em três perguntas objetivas: pensar a tecnologia para quê, para quem e por quem (NOVAES; DIAS, 2009).

Assim, o marco conceitual da TS, pressupõe uma dimensão processual no desenvolvimento da tecnologia, ou seja, de uma tecnologia que não está pronta, e sim sendo desenvolvida, como um processo não só necessário como intrínseco: “a TS é em si mesma um processo de construção social e, portanto, político (e não apenas um produto) que terá de ser operacionalizado



nas condições dadas pelo ambiente específico onde irá ocorrer” (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004, p. 51). Dessa forma, “a inovação tecnológica – e por extensão a TS – não pode ser pensada como algo que é feito num lugar e utilizado em outro, mas como um processo desenvolvido no lugar onde essa tecnologia vai ser utilizada, pelos atores que vão utilizá-la” (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004, p. 57).

Outra definição seria a do Instituto de Tecnologia Social (ITS), que a define como “um conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida” (INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL, 2004, p.130).

Para Mezzacappa e Zanin (2012), as definições de tecnologia social tendo como base a Rede de Tecnologia Social (RTS) e o Instituto de Tecnologia Social (ITS), são compreendidas como complementares, e não excludentes. Esse conjunto de definições afirma que as tecnologias sociais são: produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e apropriadas por ela, que representem efetivas soluções de transformação social, inclusão social e melhoria das condições de vida.

Assim, algumas diretrizes e pressupostos defendidos por diversos autores a respeito da tecnologia social são: não neutralidade da C&T; voltada à inclusão social; multiplicidade de atores na sua execução; relação com políticas públicas; ênfase no processo de produção da tecnologia; construção coletiva do conhecimento; atendimento a demandas sociais concretas; planejamento e aplicação organizados; aprendizagem de todos os envolvidos; promoção da sustentabilidade em seus três eixos; conhecimento a partir da prática; replicabilidade; interdisciplinariedade; e, construção conjunta permanente.

Dessa forma, a Rede Design Possível baseia sua atuação nesse entendimento da Tecnologia Social. Conforme palavras de Vezzoli (2010) vivemos tempos de mudança radical, em outras palavras, as perspectivas são de uma inovação radical. A estratégia da Tecnologia Social, ou seja, a metodologia empregada na produção de objetos e na gestão do negócio em comunidades produtivas podem criar um modelo de desenvolvimento e inclusão comunitária, com resultados sociais, ambientais e econômicos poucas vezes vistos.



IV.

POSSÍVEIS
EMPREENDEDORES

Alice Naomi Takahashi Nishikiori

Erica Ribeiro de Andrade

Isadora Candian dos Santos

Julia Asche Cintra Ferreira





O QUE É A TECNOLOGIA SOCIAL “POSSÍVEIS EMPREENDEDORES”?

Ao longo dos 17 anos de existência, a Rede Design Possível desenvolveu metodologias e práticas baseadas em suas experiências com grupos produtivos, empreendimentos e organizações do Terceiro Setor que atuam com fomento ao trabalho e renda.

Construída como uma metodologia e formação técnica e empreendedora voltada para grupos produtivos de costureiras, artesãos de baixa renda e comunidades em situação de vulnerabilidade social, a Tecnologia Social “Possíveis Empreendedores” utiliza ferramentas e métodos do design de serviço para viabilizar econômica e socialmente esses empreendimentos. A Possíveis Empreendedores foi desenvolvida ao longo dos anos, e, pela própria característica das tecnologias sociais, ela está em constante atualização.

Nos anos de 2009, 2011 e 2013 a Rede Design Possível foi certificada pelo Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil⁴e, posteriormente, entre 2018 e 2020, foi contemplada com o Edital de Reaplicação de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil, realizando adequações e melhorias na Tecnologia Social (TS), especialmente, para a promoção da economia solidária e da equidade de gênero, com o projeto “Rede de Confecção Possíveis e Solidárias empoderando mulheres”, resultando também nesta publicação.

A metodologia da TS considera o contexto do grupo produtivo/empreendimento e é composta por módulos que desenvolvem técnicas, produtos, preço, plano de negócios e coesão do grupo. A metodologia pode ser adaptada de acordo com a realidade de cada empreendimento, incluindo seu estágio de desenvolvimento (inicial, operando em pequena escala, operando em média escala, etc.). É comum a aplicação de apenas alguns módulos da TS, em função do estágio de desenvolvimento dos empreendimentos, e também a sua implementação de forma articulada e, sobretudo, integrada. Dessa forma, o diagnóstico e a formação técnica e empreendedora se dividem nos módulos descritos a seguir:

4 <https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/possiveis-empreendedores>



a) Módulo 1 - Diagnóstico

O primeiro módulo procura elaborar um diagnóstico geral buscando entender a região dos empreendimentos e dos beneficiários, os tipos de produtos, serviços ou técnicas já desenvolvidas, o histórico do empreendimento, a possibilidade de integração com parceiros, com enfoque especial nas mulheres - mapeando também aspectos familiares, de renda, protagonismo e poder de decisão nos empreendimentos. O diagnóstico, composto por um questionário sócio-econômico-territorial dos empreendimentos e seus integrantes, é feito nos locais de trabalho e serve para entender a melhor forma de aplicar os módulos seguintes.

b) Módulo 2 - Autogestão e economia solidária, igualdade de oportunidades e desigualdades de gênero, étnicas, raciais e etárias

O módulo 2 tem como objetivo debater, construir e promover reflexões teóricas, mas, sobretudo, a prática sobre os temas, visando orientar a construção conceitual e de negócios. A relação entre o conceito e o mercado é muito próxima e torna-se fundamental entender que a construção de mercados dos empreendimentos também está relacionada com as desigualdades e, portanto, há que se criar oportunidades para combatê-las. Neste módulo os temas não são tratados com enfoque teórico, e sim, prático, por meio da realização de vivências e da construção do debate a partir da história e do contexto de cada integrante e do empreendimento. No final das atividades é feito um “plano de igualdade de oportunidades”, de forma a que os empreendimentos possam empreender estratégias para a diminuição das desigualdades, a partir de suas realidades e possibilidades.

c) Módulo 3 - Gestão Coletiva e Gestão Administrativa

A terceira formação tem como objetivo apoiar a gestão dos empreendimentos, abordando questões coletivas, união, compreensão, cooperativismo e solidariedade, além da construção de instrumentos técnicos e administrativos de gestão interna e instrumentos jurídicos e contábeis. É uma atividade práti-



ca que procura abordar o cotidiano da gestão dos empreendimentos por meio de conceitos e de boas práticas de gestão coletiva.

d) Módulo 4 - Dinâmica de Mercado e Desenvolvimento de Produtos e Serviços

O quarto módulo busca trazer o embasamento para os empreendimentos desenvolverem seus produtos, por meio de pesquisas de mercado, tendências, referências visuais, concorrentes, público-alvo, fornecedores, entre outros. A partir da aplicação da metodologia para o desenvolvimento de produtos, esse módulo contempla a definição de público-alvo, a construção de referências por meio de painéis semânticos, para a concepção de linhas de produtos e/ou serviços para os empreendimentos, além de estimular a busca por suas identidades e diferenciais competitivos. Busca, ainda, construir as dinâmicas de produção dos empreendimentos, tais como: formação de preço, organização do processo produtivo, etc.

e) Módulo 5 - Consolidação da Técnica

São atividades técnicas específicas e/ou trocas de conhecimentos técnicos, para um melhor desenvolvimento de produtos e serviços, padronização de qualidade e processos produtivos.

f) Módulo 6 - Desenvolvimento de identidade visual, marcas e aplicações

Apresenta a importância e o processo de criação da identidade visual de forma participativa, assim como marcas e aplicações destas para empreendimentos, produtos ou serviços.

g) Módulo 7 - Comercialização e Negócios

Contempla a construção de dinâmicas comerciais dos empreendimentos e redes, tais como: atendimento ao cliente, confecção de amostras, orçamentos e prazos, entregas e pagamentos. Também são construídos os procedimentos comerciais, bem como os responsáveis e ações a serem realizadas em cada etapa do procedimento. Podem ser realizadas assessorias para o desenvolvi-



to de negócios e captação de clientes (venda atacado e varejo, pontos fixos, clientes públicos ou privados), assim como a estruturação de planos e cadeias produtivas e/ou redes de produção.

h) Módulo 8 – Sustentabilidade / Etapa de Incubação

Neste módulo as metas futuras dos empreendimentos são definidas e colocadas em forma de Plano Estratégico de Sustentabilidade, que serão implementadas no processo de incubação - o assessoramento do empreendimento ao longo dos meses seguintes.

LINHA DO TEMPO - TECNOLOGIA SOCIAL POSSÍVEIS EMPREENDEDORES

2004

O Design Possível surge como projeto de extensão da Universidade Presbiteriana Mackenzie no curso de Desenho Industrial da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo em cooperação com a Università degli Studi di Firenze e, tem como foco, a experimentação e a aplicação de conceitos e pesquisas universitárias junto ao terceiro setor.

Foram selecionados 20 estudantes (10 brasileiros e 10 italianos) e a proposta inicial era o desenvolvimento colaborativo online de produtos com a reutilização de resíduos em cooperação com ONGs de regiões periféricas da cidade de São Paulo, sob a orientação de 1 professor brasileiro e 1 professor italiano.

2005

• 1ª Mostra Design Possível - Fuori Salone - Itália

Exposição dos produtos resultantes do projeto de cooperação entre alunos de Firenze e Mackenzie com ONGs em São Paulo. No total, foram realizadas 3 edições (2005 a 2007) com os produtos dos empreendimentos participantes, tais como: Cardume de Mães, Cooperaldeia, Recicla Jeans e Associação Monte Azul.

- Realização do Workshop Móveis de Papelão Design Possível**
- Participação na Mostra Ecodesign**
- Participação na 2ª Mostra de Boas Práticas Ambientais**

- **Cooperaldeia (2005, 2012)**

A Cooperaldeia é uma cooperativa de mulheres costureiras, que realiza trabalhos na área têxtil de vestuário e decoração por meio de métodos artesanais e manuais. É uma iniciativa da ONG Aldeia do Futuro, sediada no bairro de Americanópolis, zona sul do município de São Paulo.

Em 2005 o Design Possível realizou o desenvolvimento de produto com o empreendimento, e em 2012, com o apoio da Fundação Banco do Brasil, realizou o Branding do empreendimento, bem como formação em mídias sociais e o novo catálogo de produtos.

- **Recicla Jeans (2004 -2005)**

Projeto de desenvolvimento de produto com sobras de calças jeans para a comunidade da favela de Paraisópolis, zona sul de São Paulo. O projeto tinha como objetivo gerar renda para o grupo já constituído, além de reaproveitar resíduos têxteis, introduzindo os fundamentos do ecodesign.



2006

- **Participação na 1ª Bienal Brasileira de Design**

- **2ª Mostra Design Possível - Fouri Salone - Itália**

- **Participação na Feira Craft+Design 2006-2018**

A feira CRAFT+DESIGN é um evento de negócios destinado a lojistas, arquitetos, decoradores e profissionais da área de decoração, onde são apresentadas novas coleções de designers selecionados. Desde 2006 o Design Possível participa como parceiro da feira, com um estande de produtos de grupos atendidos.

- **1ª Produção em rede – brindes de natal para Shopping Jardim Sul**

Foram produzidas 20.000 bolinhas de natal na técnica de “amarradinho” mobilizando, aproximadamente, 200 artesãs e gerando cerca de R\$ 28.000,00 em renda.

- **Prêmio Planeta Casa**

1º lugar no Prêmio Planeta Casa, na categoria estudante, com o projeto de poltrona em lona (reaproveitamento de banner) desenvolvido em conjunto com grupos produtivos, uma estudante brasileira e uma estudante italiana.

- **Coordenação e gestão do Núcleo de Moda e Design do Projeto Arrastão (2006-2010)**

Parceria entre o Design Possível e a ONG Projeto Arrastão para a implantação



e a execução das atividades do Núcleo de Moda e Design⁵ da organização, com o intuito de ampliar as parcerias comerciais, atender e aumentar a geração de renda das beneficiárias. Com a experiência do Núcleo de Moda e Design foi possível sistematizar a Tecnologia Social Possíveis Empreendedores e viabilizar diversos projetos inovadores. Entre os grupos formados no espaço estão Cardume de Mães, Modela Pano e Arrastapé.

- **Grupo Cardume de Mães (2006-2021)**

Foi constituído a partir da formação técnica e empreendedora realizada em parceria com a ONG Projeto Arrastão e a Universidade Mackenzie, durante a implementação do Núcleo de Moda e Design, no bairro do Campo Limpo (São Paulo). O Cardume de Mães é o grupo com mais tempo de parceria contínua com o Design Possível permanecendo até o presente momento em projetos comerciais e de capacitação. Destaque para os projetos comerciais de produtos feitos com banner de PVC reutilizado, com produtos para a Tok&Stok, confecção de embalagens para as edições do Troféu Ecofalante, elaboração de peças para exposições “Eu não Sou de Plástico”, “Segunda sem Carne” e “Design de Perifa” além de coleções de acessórios como as linhas Reverse e Replastic.

2007

- **3ª Mostra Design Possível - Fuori Salone - Itália**

- **Mostra Eu Não Sou de Plástico (2006-2007)**

- **2ª e 3ª Produção em rede**

Realização de encomenda, destinada ao dia das mães, para a empresa Mastercard, de 20.000 coelhos de pano e 1.500 nécessaires com aplicação de 4.500 fuxicos.

- **Associação Comunitária Monte Azul (2006-2008)**

Em conjunto com a Associação Comunitária Monte Azul, que atende moradores da favela Monte Azul na zona sul de São Paulo, foi realizado um projeto com o grupo local de marcenaria para a elaboração de uma nova linha de produtos (móveis, brinquedos e objetos de decoração) além da capacitação para a gestão da loja sediada na associação.

5 <https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/nucleo-de-moda-e-design>



2008

- **Fundada a associação sem fins lucrativos Design Possível e feita a sistematização da Tecnologia Social “Possíveis Empreendedores”.**

- **1º Encontro de comunidades no Projeto Arrastão**

Encontro com os participantes dos grupos atendidos para troca de informações, técnicas e experiências, buscando fortalecer a parceria e a criação de redes extra comunidade.

- **Grupo Gerassol**

Grupo criado numa parceria com a Associação Despertar, Design Possível e a Universidade Mackenzie, no bairro Americanópolis (São Paulo). A formação envolveu 8 mulheres da região, com foco na costura de acessórios e objetos de decoração, criação de identidade visual, capacitação para a gestão coletiva e a incubação com os atendimentos comerciais.

- **Grupo Pimentas das Artes**

Grupo criado numa parceria com a Prefeitura de Guarulhos, a Escola Natasha Franco Vieira e o Design Possível, na cidade de Guarulhos, no bairro Pimentas. Foi realizada formação empreendedora com aprofundamento no desenvolvimento de produto, e o aprimoramento técnico de manualidades (papelaria, bijuteria e macramê) com um grupo de 4 mulheres da região.

2009

- **Certificado de Tecnologia Social – Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil**

- **1º Possíveis Multiplicadores**

O encontro Possíveis Multiplicadores teve 3 edições (2009, 2010, 2011), com o objetivo de integrar parceiros, estudantes, organizações e empresas em torno da promoção de projetos de geração de renda e articulação social a partir da Tecnologia Social “Possíveis Empreendedores”

- **Exposição Design de Perifa (2009 - 2010)**

- **Formação para empreendedoras de artesanato apoiadas pelo Instituto Consulado da Mulher**

Em conjunto com as artesãs atendidas pelo Instituto Consulado da Mulher, foi desenvolvida uma linha de produtos, incluindo o desenvolvimento comercial,



a formação de custo, a apresentação do produto e a possibilidade de diversificação e personalização, a partir de pesquisas de tendências e identificação das necessidades dos mercados alvo.

- **Grupo Modela Pano (2009-2014)**

Grupo de costureiras composto por mulheres atendidas da ONG Projeto Arastão, na região do Campo Limpo, São Paulo. O grupo confecciona bolsas e acessórios, além de ter desenvolvido, no módulo “Desenvolvimento de Produto”, uma linha de brinquedos educativos feita de tecido e serigrafia manual. Também participaram de acompanhamento e articulação comercial com o Sesc SP no desenvolvimento e produção de bonecos.

- **Grupo Papelart (2009-2013)**

Grupo de pais e mães de crianças e jovens atendidos pela APAE Barueri, que recebeu a formação Possíveis Empreendedores entre 2009 e 2010, resultando na criação do Papelart - empreendimento que trabalha com a confecção de embalagens, cartonagem, dobraduras e objetos de papel. Um dos produtos confeccionados pelo grupo foi a Luminária Kubi, desenvolvida pela empresa Itaim Iluminação, composta por sobras de chapas de alumínio. O grupo passou pelo processo de incubação entre 2011 e 2013.

- **Pano Pra Manga (2009-2021)**

Grupo formado por mulheres, moradoras da cidade de Guarulhos, criado a partir da iniciativa da responsabilidade social da empresa Cummins Brasil com a Escola Natasha Franco Vieira e o Design Possível. Em 2009 o Pano pra Manga recebeu a formação técnica e empreendedora Possíveis Empreendedores composta por seis módulos, onde foi desenvolvida uma linha de produtos personalizados para o mercado de uniformes e brindes. Além da capacitação, o grupo recebeu assessoria do Design Possível voltada à comercialização e a gestão do empreendimento resultando na formalização do grupo, como micro empresa, em 2015. As parcerias comerciais com o grupo e o Design Possível seguem até hoje.

2010

- **Abertura da Empresa Social – Design Possível Comércio de Produtos e Serviços Sustentáveis**

Criação de empresa social para apoiar a comercialização de produtos dos gru-



pos e empreendimentos atendidos, com todo o lucro revertido para a associação Design Possível.

- **2º Possíveis Multiplicadores**

- **Articulação mais ativa com outros Estados**

(AM – Manaus, SC - Florianópolis e PR - Curitiba)

- **2º Encontro de comunidades no Projeto Arrastão**

- **Parceria com a Oficina Nômade no desenvolvimento de produtos com artesãos no município de Ribeirão Preto**

- **Prêmio Planeta Casa**

Vencedores na categoria de Ação Social, junto com o empreendimento Cardume de Mães e a ONG Projeto Arrastão, com os produtos feitos a partir do reaproveitamento de banners de publicidade. Em 2011 e 2012 o Design Possível foi finalista do Prêmio, também na categoria Ação Social, com a Linha Replastic e a Linha Reverse.

- **Projeto Reciclando Papéis e Vidas (2010-2011)**

Formação realizada em parceria com a Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel, FUNAP, KSR e Fibria Celulose, na cidade de Tremembé, na penitenciária de Tremembé, com reeducandos do regime semiaberto do presídio masculino. Os integrantes do projeto passaram pela Possíveis Empreendedores no ano de 2010, nos módulos “Desenvolvimento de produto” e “Produção e Comercialização”. Em 2011 foram realizados projetos pontuais, por meio de desenvolvimento de produtos, como cadernos, calendários, blocos e luminárias, feitos de papel reciclado artesanal.



2011

- **3º Possíveis Multiplicadores**

- **Produção Tok & Stok/ Linha Patchwork**

Composta por bolsas e acessórios feitos a partir do reaproveitamento de banners de publicidade e costurados no formato de patchwork, essa linha de produtos foi desenvolvida com o grupo Cardume de Mães, exclusivamente para a empresa Tok & Stok.

- **Linha Reverse**

Composta por bolsas e acessórios feitos a partir da logística reversa com uni-



formas da companhia aérea TAM, o Design Possível desenvolveu a Linha Reverse em parceria com o grupo Pano Pra Manga, o Grupo Cardume de Mães e a ONG Projeto Arrastão.

- **Gincana de talentos e Diagnóstico – Capão Redondo**

Realizada com crianças, jovens e adultos do bairro Jardim Irene – Capão Redondo, São Paulo, em parceria com a COBRAPE, o evento teve como objetivo mapear possíveis adultos beneficiários de projetos de geração de renda a serem promovidos pela COBRAPE, identificando necessidades e interesses da comunidade.

- **Arrastapé (2011-2013)**

Grupo formado por homens e mulheres do bairro Campo Limpo (São Paulo), que confecciona sapatos de forma manual e iniciou a sua formação “Possíveis Empreendedores” no final de 2011, com os seguintes módulos: Formação de Grupo, Consolidação da Técnica, Dinâmica de Mercado e Desenvolvimento de Produto. O grupo Arrastapé foi criado em parceria com a ONG Projeto Arrastão, e a sua primeira linha de produtos apresentou sapatilhas femininas feitas de chita e lonita colorida

2012

- **Prêmio de Economia Criativa**

A Possíveis Empreendedores foi premiada no “Prêmio de Economia Criativa - Edital de Fomento a Iniciativas Empreendedoras e Inovadoras” - categoria Formação, pelo Ministério da Cultura. E no mesmo prêmio o Design Possível foi contemplado na categoria “Pesquisa em Economia Criativa”, com o projeto “A Rede Design Possível e a multiplicação da tecnologia social no espaço geográfico brasileiro”, realizado em parceria com a Universidade Presbiteriana Mackenzie.

- **Selo Social**

Criação da Associação S2 Selo Social, em parceria com a Universidade Presbiteriana Mackenzie, a Associação Inclui Mais, dentre outras instituições. A Associação buscou desenvolver um processo de certificação de comércio justo e solidário com empreendimentos de economia solidária, por meio do método de Sistema Participativo de Garantia. Para saber mais consulte a “Cartilha Multiplicadores do Comércio Justo e Solidário e Sistemas Participativos de Garantia”⁶.

6 http://saudeecosol.org/wp-content/uploads/2017/10/20170727_selo_social_cartilha.pdf

- **Recepção Solidária, Universidade Mackenzie (2012 – 2014)**

Desde 2012 o Design Possível realizou semestralmente a Recepção Solidária, evento de acolhimento aos calouros da Universidade Mackenzie, voltado para as práticas solidárias. Os alunos recém chegados participaram de oficinas ministradas por empreendimentos e projetos atendidos pelo Design Possível, tais como: oficina de confecção de ecobag, oficina de serigrafia, oficina de encadernação, oficina de marcador de páginas, oficina de dança e etc. Essas oficinas não só geraram renda para os empreendimentos e projetos envolvidos, como também possibilitaram aos calouros o contato com diferentes realidades sociais.



2013

- **Produção em rede - Kit de Ciências Nau dos Mestres**

Desenvolvimento do produto “kit ciências”, realizado com a Editora Evoluir Cultural, no formato de “armários de experiências”, para a distribuição gratuita em escolas da rede pública de ensino do Brasil. A confecção das Naus foi realizada pelos empreendimentos Projeto Tear (Guarulhos), Cardume de Mães (Taboão da Serra), Pano pra Manga (Guarulhos) e Armazém das Oficinas (Campinas).

- **Projeto de desenvolvimento de embalagens para Armazém das Oficinas**

O Armazém das Oficinas é uma iniciativa que reúne produtos artesanais e serviços, das oficinas da associação Cornelia Vlieg e do serviço de saúde “Dr. Cândido Ferreira”, Campinas – SP, para atender pessoas em situação de sofrimento psíquico, promovendo a inclusão social pelo trabalho. O projeto teve como foco o desenvolvimento sustentável de embalagens de baixo custo para a comercialização e, nesta perspectiva, foram desenvolvidas em papel, apenas por meio de corte e vinco.

- **Participação na Fresh From Brasil – Nova Iorque**

Fresh From Brasil é um projeto realizado pela Associação Objeto Brasil, com o objetivo de divulgar e exibir produtos e iniciativas brasileiras no exterior, como forma de promover o design brasileiro. Em 2013 a linha Urbana + Cardume de Mães participou da exposição, em Nova Iorque, expondo os produtos para ciclistas feitos de banner de PVC, além da distribuição de brindes de bolsas de banner reaproveitado.



- **Projeto 10 anos de Tear (2013-2014)**

O Projeto Tear é um serviço público de Saúde Mental da cidade de Guarulhos, composto por oficinas de trabalho para pessoas em situação de sofrimento psíquico, buscando a inclusão social pelo trabalho. O Design Possível desenvolveu um trabalho de formação, assessoria comercial, branding e comemoração de 10 anos da instituição, com o intuito de aprimorar as oficinas existentes, possibilitando, assim, aumentar a renda mensal dos participantes – cerca de 80.

2014

- **Produção em rede - Troféus da Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental (2014 -2020)**

A Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental premia os melhores filmes da programação em diversas categorias por júri e voto popular. Os troféus, elaborados a cada ano de acordo com a temática da Mostra, trazem o mascote da Ecofalante com uma câmera na mão, e foram confeccionados por empreendedimentos e pelo Design Possível, dentro da proposta de promover o comércio justo e a economia solidária, além do uso de matéria-prima reutilizada.

- **Projeto Arte Tabá – Unisol Brasil e Patrícia Henna (2014 -2015)**

A associação está localizada na cidade de Tabatinga, oeste da Amazônia e fronteira com a Colômbia e Peru, e tem como missão priorizar a geração de renda alinhada ao desenvolvimento sustentável. É formada por 20 artesãos que utilizam os recursos naturais da floresta como sementes, cascas, fibras, madeira e barro para a produção de bijoias, acessórios e objetos para casa. O Design Possível, em parceria com a Unisol Brasil, realizou a consultoria para o desenvolvimento de arranjo produtivo da Associação de Artesãos de Tabatinga. O objetivo da iniciativa foi gerar oportunidades comerciais e o desenvolvimento de produto, em parceria com a designer Patrícia Henna, para a ampliação do mercado com bijoias.

2015

- **Rede de Saúde Mental e Economia Solidária do Estado de São Paulo**

Através de uma parceria com o Instituto Integra e o Projeto Redes, financiado pelo Ministério do Trabalho, desenvolvemos arranjos produtivos para fortale-



lecer a comercialização de produtos e serviços dos empreendimentos da Rede. As atividades foram divididas em etapas: Diagnóstico, Acompanhamento, Capacitação e Formação para o Desenvolvimento de Produtos e contemplou as seguintes regiões: São Paulo 1, São Paulo 2, ABCDMRR, Botucatu, Rio Claro, Guarulhos e Campinas, com cerca de 100 empreendimentos e aproximadamente 500 participantes.

- **Consultoria Casa das Oficinas Piracicaba (2015 – 2016)**

A Casa das Oficinas de Piracicaba atende um público de diversos serviços de saúde mental de Piracicaba visando a inclusão social através do trabalho e geração de renda. A consultoria buscou identificar os principais desafios das oficinas e teve como foco organizar os produtos e o processo produtivo, gerar oportunidade de negócios com a pesquisa de mercado local, fortalecer parcerias e o desenvolvimento de novos clientes. O resultado gerou a construção de um plano de negócios para as oficinas, alinhando os desejos e expectativas para as ações presentes e o futuro do trabalho.

- **Festival Ecosol – Design Weekend**

Participamos da agenda de eventos ligados à Economia Solidária no festival Design Week, realizados numa parceria com Associação de Designers de Produto, Coletivo Brasil Design e Objeto Brasil e Prefeitura de São Paulo. Foram realizadas dezenas de atividades como exposições, atividades no vão livre do MASP, seminário, feiras, etc.

- **Rede Costura Solidária SP e Incubadora Pública de Empreendimentos Solidários de São Paulo (2015 - 2018)**

O Projeto Economia Solidária SP como Estratégia de Desenvolvimento foi um convênio estabelecido entre a Secretaria Municipal do Trabalho e Empreendedorismo de São Paulo e a Unisol Brasil, com o objetivo de fortalecer as ações de economia solidária no município de São Paulo. O Design Possível teve participação no projeto em três momentos: ao longo do processo de construção da Rede Costura Solidária SP e, atualmente, faz parte como empreendimento; em 2016, com a curadoria e ações comerciais com a Rede de Artesanato; e, em 2017, realizando as capacitações na Incubadora Pública de Empreendimentos Solidários por meio da realização do módulo sobre mercado, produto, serviço e atividades de comercialização.



2016

• Rede Design Possível

Mudança de nomenclatura, logo e identidade visual da Associação Design Possível para Rede Design Possível. O processo dos anos anteriores, especialmente ligados à economia solidária, nos fez perceber que nossa atuação era essencialmente no formato de Rede e solidária, e passamos assim a levar esse DNA na nossa identidade externa.

• Empresa Social Ideário – Colaboração, Inovação Social e Design

Mudança da então empresa social Design Possível Comércio para Ideário, com a criação de identidade visual e foco no desenvolvimento comercial de iniciativas sustentáveis, com a manutenção da integração à Rede Design Possível e doação do lucro da empresa para a associação.

• Arranjo Produtivo em Rede: 5º Congresso da ABRASME

Projeto em parceria com a Unisol Brasil, Unisol SP, programa ECOUNI Inova e ABRASME - Associação Brasileira de Saúde Mental. A assessoria comercial do Ideário e da Rede Possível para os empreendimentos da Rede da Saúde Mental e Economia Solidária de São Paulo permitiu organizar um arranjo produtivo feito de forma autogestionária pelos empreendimentos, que planejaram e desenvolveram toda logística e produção necessárias no atendimento do Congresso da ABRASME – incluindo confecção de bolsas e fornecimento de coffee breaks. Empreendimentos envolvidos: Cecco Mooca; Cecco Vila Guarani; Coletivo C.U.P.I.N.S; GiroDez; Instituto A Casa; Oficina de Costura, de Papel Artesanal e Gráfica do Armazém das Oficinas; Oficina de Serigrafia, Tear e Costura, Papel Artesanal, Encadernação do Projeto Tear; Panos e Linhas; Casa das Oficinas de Campinas; Coletivo Traço.

• Quiosque Solidário - Shopping Center Norte

A Rede Design Possível foi selecionada para gerenciar o Quiosque Solidário, iniciativa do Instituto Center Norte. Durante 3 meses realizamos a curadoria, seleção, gestão e comercialização de produtos de empreendimentos de economia solidária do estado de São Paulo. O espaço é destinado à comercialização de produtos por ONGs e projetos sociais de geração de trabalho e renda.

• Curadoria de Produtos para Rede de Artesanato Solidário

O objetivo da consultoria foi realizar a curadoria participativa de produtos



para serem expostos e comercializados nas feiras do projeto da Unisol Brasil e da Secretaria de Desenvolvimento, Trabalho e Empreendedorismo da Prefeitura de São Paulo. As consultorias trouxeram a possibilidade de estabelecer um processo participativo de avaliação, onde o objetivo não era selecionar e excluir, mas sim propor melhorias e processos de evolução nos produtos apresentados pelos empreendimentos. Os produtos e empreendimentos que passaram pela curadoria participaram de feiras no Mercado de São Paulo e Festivais de Economia Solidária.

- **Desenvolvimento de produtos para Economia Solidária de Diadema**

Considerando os conhecimentos e saberes existentes, as oportunidades do mercado local, a capacidade técnica dos empreendimentos e a construção de uma identidade que fortalecesse a Economia Solidária de Diadema, realizamos: Diagnóstico dos empreendimentos Costura Bem, Okavango e Associação de Artesãos; Construção da Identidade para o desenvolvimento de Produto através de pesquisa e discussões; Pesquisa de possibilidades e oficinas de experimentação; Criação dos produtos e prototipagem.



2017

- **Festival Transforma Ecosol (parceria com Jardim Secreto)**

Curadoria e apoio no evento, promovido pelo Grupo Jardim Secreto, iniciativa de fortalecimento da economia criativa e local em São Paulo. O Festival aconteceu no Museu da Imagem e do Som e contou com mais de 57 produtores locais de segmentos de moda, decoração, ilustração e gastronomia, além de uma programação de palestras sobre assuntos relacionados à Economia Solidária.

- **Talks ADP no Design Weekend**

- **Inserção Social - NUTRARTE**

Projeto realizado no NUTRARTE - Núcleo de Trabalho e Arte, equipamento de saúde da Rede de Atenção Psicossocial de São Bernardo do Campo, com a proposta de fomentar grupos de geração de renda. Realizamos diagnóstico, acompanhamento, capacitação e formação em empreendedorismo social para os grupos, numa parceria com a Fundação do ABC, Prefeitura e Ministério da Justiça.



2018

- **Feira Sesc com grupos de Economia Solidária**
- **Oficina de Criatividade no Artesanato para artesãos da Zona Leste**
- **Imersão em desenvolvimento de produto com artesãs indígenas da Missão Tiryó - Instituto Iepé**
- **Maratona Social**

Em uma parceria com Zurich Brasil Seguros e a Agência NMAIS, e com inspiração no formato imersivo dos Hackathons, a Maratona Social teve como objetivo realizar a doação das habilidades intelectuais dos voluntários para beneficiar duas ONGs que têm importantes papéis para as comunidades nas quais estão inseridas: Imagem (Parelheiros) e Projeto Arrastão (Campo Limpo), na cidade de São Paulo.

2019, 2020, 2021

- **Redes de Confecção Possíveis e Solidárias empoderando mulheres (2019-2021)**
- **Arranjo produtivo Hackmobi (2019)**
- **Logo Amesol – Associação de Mulheres da Economia Solidária (2019)**
- **Parceria com Projeto Brincar, projeto de extensão do SENAC Santo Amaro (2020)**
- **Campanha Costurando Solidariedade (2020)**

A campanha buscou arrecadar recursos emergenciais para 35 empreendedoras e empreendedores da área de costura impactados pela pandemia da COVID19. As Fase 1, 2 e 3 da Campanha foram um sucesso, arrecadando mais de R\$ 28.000 e realizando collab com pequenas marcas e grupos produtivos, visando retomar as suas produções de forma segura durante a pandemia.

- **Produção Máscaras de tecido (2020)**

A pandemia resgatou a discussão sobre a noção de valor justo em função da demanda por máscaras de proteção. Diante dessa situação, criamos uma comissão com os grupos de costura interessados na produção de máscaras e discutimos coletivamente o modelo para produção de forma segura, com todos os custos do produto e do empreendimento, e estabelecemos o preço



para as máscaras. Assim, fizemos uma divulgação com objetivo de provocar a reflexão para pensar em produções mais justas e inclusivas com base na economia solidária “A máscara de tecido que você usa tem preço e valores justos” explicando um orçamento aberto com a simulação dos valores pagos para confecção das máscaras.

Em parceria com com duas unidades do SESC São Paulo foram realizadas articulações com grupos produtivos das zonas norte (Daniela Andrade e Ateliê Loucos Pela X) e leste (Santa Costura, Cooperativa Retrós Vest e Conkistart).

PARCEIROS

Ao longo de 17 anos de história a Rede Design Possível construiu muitas parcerias com organizações, empresas e empreendimentos:

- **Associações sem fins lucrativos:** Projeto Arrastão, Instituto Consulado da Mulher, ADERE, Escola Natasha Franco Vieira, Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel, Associação Comunitária Monte Azul, Aldeia do Futuro, APAE Barueri, Associação Comunitária Despertar, Arte em Pneus, Projeto Oficina Nômade, FUNAP, Rede Por América, Rede Papel Solidário, Mundaréu, CENPEC, Mercado do Beco, ONG Prainha, Associação Cornélia Vlieg, Associação Saúde da Família, Associação dos Designers de Produto, Fundação do ABC, Coletivo Oré, Moda Limpa, Justa Trama, Unisol Brasil, Fundação Banco do Brasil, etc.
- **Empresas:** Cummins Brasil, Craft + Design, Fibria, TAM, Banco Indusval, Tok & Stok, Homizeta, Confederação Nacional do Comércio, Senac Santo Amaro, Senac Aclimação, Itaim Iluminação, COBRAPE, Francesco Quartulli, Waki Design, PWC, Redecard, Mastercard, Girassol Filmes, Porto Seguro, Itaú Cultural, Ateliê Cristina Bottallo, SESC SP, Jouer Couture, Maria Tangerina, Projeto Fio, Patrícia Henna Design, Scipopolis, Modaly, Somos55, Grupo Jardim Secreto, Zurich Brasil Seguros, Agência NMAIS, etc.
- **Governos e Universidades:** Secretaria do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo, Secretaria Municipal do Trabalho e Empreendedorismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade Estadual de Londri-



na, Instituto Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Amazonas, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade FUMEC, Universidade Federal de Santa Catarina, FMU - Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, Universidade Federal da Bahia, etc.

RELATO DO PROJETO:

REDES DE CONFECÇÃO POSSÍVEIS E SOLIDÁRIAS EMPODERANDO MULHERES

Em 2018 a Fundação Banco do Brasil, em parceria com o BNDES, lançou um edital para a Reaplicação de Tecnologias Sociais já certificadas pela entidade, com o objetivo de promover a geração de trabalho e renda, incluindo a aquisição de máquinas e equipamentos para empreendimentos. Da região Sudeste somente a Rede Design Possível foi selecionada com o projeto “Redes de Confeção Possíveis e Solidárias empoderando mulheres” que previa o atendimento de 70 beneficiárias e beneficiários no Estado de São Paulo, nos municípios de Guarulhos, São Bernardo do Campo, Santo André, São Paulo, Taboão da Serra e Hortolândia. As/os beneficiárias/os faziam parte de empreendimentos econômicos solidários de costura, confecção e de logística (cooperativa de bike entregas), com os quais a Rede Design Possível já havia trabalhado ao longo dos anos.

O projeto previa três etapas principais: 1) a capacitação dos grupos atendidos com os conteúdos da Tecnologia Social “Possíveis Empreendedores”; 2) a aquisição de maquinário, ferramentas e insumos para o fortalecimento e ampliação dos serviços prestados pelos grupos participantes; e 3) a incubação voltada para a prospecção de novas oportunidades de geração de renda.

O desafio geográfico foi o que resultou na primeira ação em rede, agrupando as atividades em regiões que fossem mais próximas e com melhor acesso ao transporte público, numa parceria com o Centro Cultura da Penha (zona leste de São Paulo), e com a Universidade Presbiteriana Mackenzie (centro de São Paulo), para viabilizar as atividades presenciais da melhor maneira.



O apoio da Universidade Presbiteriana Mackenzie aconteceu através do projeto de extensão “Design Possível – Geração de Renda e Empreendedorismo através do Design”, vinculado ao Curso de Graduação em Design, proporcionando um espaço de acolhimento dos participantes no ambiente acadêmico, que acabou por estimular e ganhar um novo significado pessoal para diversos integrantes – a continuidade do aperfeiçoamento pessoal e profissional.

Iniciamos o projeto com uma pesquisa diagnóstica que, para além de analisar o nível de conhecimento dos empreendimentos, permitiu detectar a necessidade de um maior número de atividades relacionadas à gestão do empreendimento. O método da capacitação levou em consideração a diversidade do público atendido pelo projeto bem como as respectivas especificidades e tempos de desenvolvimento.

Além das atividades de capacitação na cidade de São Paulo, o projeto contemplou o grupo Griffê Criolê, sediado em Hortolândia, interior do Estado, e estabelecido no Ponto de Cultura Caminhos, que abriga também um empreendimento de alimentação e um grupo de dança, todos unidos pela ancestralidade local e a religiosidade de matriz africana. A inviabilidade, econômica e de agenda, da vinda semanal dos dez integrantes do empreendimento fez com que se pensasse uma dinâmica distinta: ao invés de semanal, foram elaboradas imersões mensais onde era repassado o conteúdo já apresentado nas turmas de São Paulo. Dessa forma, o projeto sempre esteve em consonância com a realidade dos empreendimentos e suas/seus participantes.

ADAPTAÇÕES EM MEIO À PANDEMIA

O projeto já havia realizado vinte e uma atividades presenciais quando a pandemia se instalou. As primeiras notícias mundiais sobre os casos de COVID19, assim como a chegada dos primeiros casos no Brasil, fez com que em março de 2020 as atividades presenciais fossem suspensas, seguindo as recomendações da Organização Mundial de Saúde. O que parecia ser uma situação temporária durou meses de isolamento e paralisação das atividades



produtivas e, por consequência, de entrada de recursos. A maioria dos atendidos pelo projeto ficou sem renda e alguns empreendimentos com dívidas para manter os espaços das oficinas e ateliês de costura.

O acompanhamento, ainda que a distância, das costureiras e dos bike entregadores fez com que o projeto optasse por realizar uma campanha de arrecadação de recursos que pudesse minimizar o momento de incertezas pelo qual o mundo passava. Foi elaborado o crowdfunding “Costurando Solidariedade”, cujo objetivo era mobilizar recursos para garantir as condições mínimas de permanência em casa das pessoas atendidas pelo projeto. Além de assegurar o repasse em dinheiro para que os beneficiários usassem de acordo com suas necessidades, a campanha resultou em ações de geração de trabalho e renda a partir da confecção de máscaras de pano para proteção individual de diversas parcerias com empresas sensíveis à causa. A mobilização permitiu também que fosse discutido com o público a questão do pagamento justo pelo trabalho referente de confecção de máscaras.

O início das atividades de incubação dos grupos também foi antecipado em dois meses, para dar suporte às novas questões produtivas e, sobretudo, pensar estratégias de sobrevivência para estes empreendimentos frente ao novo cenário. Aplicamos um novo diagnóstico para avaliar a situação de cada empreendimento e, a partir daí, foi elaborado um plano de estratégias e ações de incubação com foco nas necessidades vivenciadas na pandemia.

Adaptamos não só o método “Possíveis Empreendedores” para o formato virtual, mas, também foi adotada, de forma definitiva, as ferramentas digitais por parte das beneficiárias e dos beneficiários. A instabilidade da conexão à internet e a pouca familiaridade com alguns dos aplicativos e ferramentas digitais foram os maiores obstáculos a serem ultrapassados na nova fase. Foram realizadas reuniões virtuais com a equipe do projeto para a construção do plano de incubação com duas linhas principais de ação: acompanhamento dos empreendimentos (reuniões com os participantes dos grupos ou seus representantes de forma periódica) e captação e atendimento de clientes para comercialização e promoção de negócios.

A frequência das atividades de incubação com cada grupo, aconteceu em função da necessidade de suporte na gestão e prospecção de novos clien-



tes, a disponibilidade (técnica e que garantisse a presença da maioria do grupo) e a realização das tarefas coletivas encaminhadas a cada sessão. A etapa de incubação do projeto contou também com suporte da educadora no desenvolvimento de materiais que facilitassem o uso do Google Drive, o acesso ao Google Sala de Aula, assim como aqueles relacionados aos protocolos de higiene e segurança na retomada das produções em espaços coletivos, além do auxílio para a inscrição no cadastro da renda emergencial do governo federal.

Após a etapa de incubação, reelaboramos os conteúdos faltantes da capacitação prevista pelo projeto, adaptando às necessidades surgidas durante a pandemia, como o atendimento do cliente em formato virtual, o controle de qualidade e as alternativas digitais para divulgação dos serviços prestados pelos empreendimentos. Os materiais elaborados foram compartilhados da plataforma Google Sala de Aula como alternativa para o acesso da maioria das/dos participantes do projeto.

RESULTADOS

A aplicação da Tecnologia Social “Possíveis Empreendedores” sempre prevê adaptações e contratempos comuns em cenários nos quais os empreendimentos econômicos solidários estão inseridos. Este foi, sem dúvida, um dos fatores que garantiu a continuidade do projeto, já em andamento, quando a pandemia surgiu. A flexibilização das atividades em novos formatos como vídeo chamadas foi um desafio para a grande parte das participantes, que possuíam pouca ou nenhuma familiaridade com aplicativos. Também os vínculos estabelecidos entre a equipe do projeto e os beneficiários, ao longo dos anos de atuação da Rede Design Possível no cenário da Economia Solidária foram decisivos para o seguimento e a conclusão do projeto.

Ao encerrar o projeto um dado importante chamou atenção: o mesmo número de beneficiários que iniciamos também terminou a formação – foram 70 pessoas, sendo 60 mulheres e 10 homens. Isto representa evasão zero em um cenário atípico e, absolutamente restritivo, no momento atual brasileiro.



As formações presenciais, realizadas nos primeiros oito meses de projeto, foram importantes no processo de fortalecimento das redes, de contato dos grupos e no conhecimento e compreensão “da causa do outro”. Esta experiência propiciou a vivência com grupos e a troca com pessoas com sofrimento psíquico e da luta antimanicomial, com mulheres trans, com mulheres egressas, com povos de matriz africana, e, ainda, com jovens engajados em mobilidade.

Mais do que realizar formações, a sala de aula permitiu que os participantes trouxessem outros assuntos de interesse coletivo tornando-se, assim, um espaço para que as alunas e alunos convidassem colegas para seus eventos – como o lançamento de coleção da marca que contratou o grupo, ou uma palestra em que participam apresentando depoimentos, ou ainda a troca de informações sobre como costurar determinada peça, por exemplo. Os conteúdos apresentados pela educadora também ganhavam maior relevância quando os participantes compartilhavam suas experiências naquele assunto abordado, que serviu também como histórico para os empreendimentos mais novos que não haviam experimentado ainda determinadas situações (adversidades ou métodos de gestão do empreendimento, por exemplo).

Apesar do desafio tecnológico foi possível realizar o conjunto das atividades de incubação no período de abril de 2020 a fevereiro de 2021, com uma frequência significativa: 72 encontros de acompanhamento dos empreendimentos do projeto e 125 contatos e atendimentos de potenciais clientes para o desenvolvimento de parcerias e negócios comerciais.

Apesar da pandemia ter causado o distanciamento social, o projeto seguiu recebendo diversos relatos de indicações trocadas entre empreendimentos e, ainda, ofertas de ajuda entre as costureiras, por meio de whatsapp ou ligações durante todo período.

Da mesma forma que o “Redes de Confecção Possíveis e Solidárias Empoderando Mulheres” surgiu para fortalecer os grupos que já eram parceiros da Rede Design Possível, o projeto cumpriu seus objetivos de capacitação, e da aquisição de maquinário e incubação. O projeto finalizou suas atividades com a certeza de que a parceria, com estas trabalhadoras e



trabalhadores, não se encerra aqui. Pelo contrário, consolida e qualifica o vínculo existente, deixando para a Rede Design Possível a possibilidade de ampliar, cada vez mais, as oportunidades de trabalho e renda para estes e outros negócios sociais.

GRUPOS ENVOLVIDOS NO PROJETO

- **São Paulo:** Ala Loucos pela X, Conkistart, Cooperativa Libertas, Daniela Andrade, Giro Sustentável, Hiroko, RetrósVest, Santa Costura Assessoria, TransSol.
- **Taboão da Serra:** Cardume de Mães.
- **São Bernardo do Campo:** CosturaMente.
- **Santo André:** Panos e Linhas.
- **Guarulhos:** Pano pra Manga.
- **Hortolândia:** Grife Criolê.



V.

**SOBRE AS
AUTORAS
E AUTOR**





Alice Naomi Takahashi Nishikiori

Graduada em Desenho Industrial – Design de Produto pela UniFMU-Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, e pós-graduada em Design de Interiores com pesquisa sobre a “Identidade Brasileira no Espaço Moderno” pelo Centro Universitário Senac. Possui dezesseis anos de experiência na formação e coordenação de projetos de economia solidária e terceiro setor. Atua como coordenadora geral e consultora, trabalhando diretamente com iniciativas de geração de renda e capacitação, que vão desde a formação de empreendimentos e redes até a comercialização do produto para o consumidor final. Atualmente é integrante da Rede Design Possível e sócia do Ideário.

Elisabete Castanheira

Doutora e mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo programa de Pós Graduação Stricto Sensu da Universidade Mackenzie, com pesquisa na área da Criatividade, Inovação, Economia Criativa e Práticas Criativas, é pós-graduada em Docência no Ensino Superior, com aperfeiçoamento em Educação Inclusiva e graduada em Comunicação Visual pela FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado. Designer, professora universitária, pesquisadora e consultora no desenvolvimento de projetos de design, inovação e criatividade, possui sólida experiência de mercado, acadêmica e de conteúdo para as áreas do design, da inovação e da economia criativa. Atualmente é docente da UNI-SA - Universidade Santo Amaro e na Estácio.

Erica Ribeiro de Andrade

Doutoranda do Núcleo de Pós Graduação em Administração da UFBA, mestre em Design e Expressão Gráfica pelo Pós-Design da Universidade Federal de Santa Catarina na linha de Gestão de Design, especialista em Arte Educação pela Escola de Belas Artes da UFBA, graduada em Desenho Industrial pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Possui experiência na área de design gráfico, webdesign e publicidade, foi educadora social da Unisol Brasil, e integrante da Rede Design Possível, onde hoje atua como voluntária. Atualmente é professora efetiva do curso de Design da



EBA-UFBA, com as áreas de interesse em design e inovação social, economia solidária, comércio justo e solidário, feminismo, questões de gênero e estudos em sustentabilidade.

Isadora Candian dos Santos

Mestre em Ciência Tecnologia e Sociedade pela UFSCar, na linha Dimensões Sociais da Ciência e Tecnologia, especialista em Políticas Públicas e Justiça de Gênero na América Latina pela CLACSO, especialista em Design e Humanidades pela USP, Graduada em Ciências Sociais pela USP. Trabalha há 10 anos com organizações do terceiro setor, realizando principalmente coordenação de projetos e programas, captação de recursos e gestão institucional de organizações e projetos. Os principais temas de atuação são: meio ambiente, geração de renda, empreendedorismo, cooperativismo e economia solidária, empresas sociais, design social, design de serviço, tecnologia social, advocacy em políticas públicas, equidade de gênero, cooperativismo social e saúde mental, dentre outros. Atualmente é integrante da Rede Design Possível e sócia do Ideário.

Ivo Eduardo Roman Pons

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, graduado em Desenho Industrial com habilitação em Projeto de Produto pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Tem experiência na área de Desenho Industrial, com ênfase em Desenho de Produto e gestão de produto e produção, é pesquisador na área de design social e sustentável, gestão, empreendedorismo e inovação. É fundador da associação Design Possível, das startups Scipopulis e Data Machina, e professor pesquisador da Universidade Presbiteriana Mackenzie e professor da FATEC Cotia - Centro Paula Souza.

Julia Asche Cintra Ferreira

Especialista em Meio Ambiente e Sociedade pela Fundação Escola da Sociologia e Política de São Paulo, graduada em Desenho Industrial, com ha-



bilitação em Projeto de Produto pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Tem trabalhado nos últimos 15 anos na coordenação de iniciativas no terceiro setor. Atua como coordenadora, assessora e educadora em projetos com foco em geração de renda, inovação, design, economia solidária e cooperativismo. Atualmente é integrante da Rede Design Possível e sócia do Ideário.

Nara Sílvia Marcondes Martins

Pós-Doutora em Artes Visuais na Universidade de Lisboa, doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP, mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes UNESP, graduada em Artes Plásticas na Belas Artes São Paulo e em Comunicação Social na FAAP. É professora pesquisadora em tempo integral da Universidade Presbiteriana Mackenzie e atual coordenadora do Curso de Graduação Design. É pesquisadora nas áreas de conhecimento: Design, Comunicação e Artes Visuais, com publicações nas áreas de Teoria e História do Design, Design Socioambiental, Design contemporâneo e tendências e aplicações da lógica fuzzy, o fun design e teoria do caos. É fundadora da Associação Design Possível e atual presidente.

REFERÊNCIAS





Alencastro, Mário Sérgio Cunha. 2015. *Ética e meio ambiente - Construindo as bases para um futuro sustentável*. Curitiba : Editora InterSaberes, 2015.

Bazzo, Walter Antonio; Von Linsingen, Irlan; Pereira, Luís Teixeira do Vale. *Introdução aos estudos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade)*. Madri: OEI, 2003.

Boff, Leonardo. 2012. *Sustentabilidade - O que é - O que não é*. Petrópolis : Editora Vozes, 2012.

Bordieu, Pierre. 2001. *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa : Edições 70, 2001.

Castanheira, Elisabete Barbosa. 2019. *Ecodesign, sustentabilidade e inovação*. Rio de Janeiro : Seses, 2019.

CMMAD - Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. 1987. *Nosso Futuro Comum*. Rio da Janeiro : Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.

Dagnino, Renato. 2009. *Tecnologia social: ferramenta para construir outra sociedade*. Campinas : IG/UNICAMP, 2009.

Dagnino, Renato, Brandão, Flávio e Novaes, Henrique. 2004. *Sobre o marco analítico conceitual da tecnologia social - In: LASSANCE Jr. A. et al. Tecnologia Social - uma estratégia para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro : Fundação Banco do Brasil, 2004.

Froehlich, Cristiane. 2014. *Sustentabilidade: dimensões e métodos de mensuração de resultados*. Canoas : UnilaSalle, 2014. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/desenvolve/article/view/1316>>. Acesso em: 1 mar. 2021.

Instituto de Tecnologia Social. 2016. *Apresentação*. Rio de Janeiro : Fundação Banco do Brasil , 2016.

—. **2004.** *Reflexões sobre a construção do conceito de tecnologia social. In: Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro : Fundação Banco do Brasil, 2004.

Khun, Thomas. 2013. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo : Editora Perspectiva, 2013.



Latour, Bruno e Woolgar, Steve. 1997. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro : Relum Dumará, 1997.

Manzini, Ezio. 2008. *Design para a inovação social - Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais*. Rio de Janeiro : Editora E Papers, 2008.

Manzini, Ezio e Vezzoli, Carlo. 2002. *O desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais*. . São Paulo : EDUSP, 2002.

Mezzacappa, Gabriela e Zanin, Maria. 2012. *Uma revisão histórico-conceitual sobre a tecnologia social*. São Carlos : Pedro & João Editores, 2012.

Novaes, Henrique Tahan e Dias, Rafael. 2009. *Contribuições ao marco analítico-conceitual da tecnologia social. In: Tecnologia social: ferramenta para construir outra sociedade*. Campinas : IG/UNICAMP, 2009.

ONU Organizações das Nações Unidas. 2015. *Agenda 2030*. Nova York : ONU, 2015. ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Agenda 2030. Nova York: ONU, 2015. Disponível em: < <http://www.agenda2030.com.br/>> Acesso em: 7 mar. 2021.

— **. 2012.** *O Futuro que queremos*. Nova York : ONU, 2012.

Pawlowski, Artur. 2008. *How many dimensions does sustainable development have?* São Francisco : Sustainable Development, 2008. Disponível em: < <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/sd.339>> Acesso em: 3 mar.. 2021. .

Sachs, Ignacy. 1993. *Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente*. São Paulo : Studio Nobel e Fundação de Desenvolvimento Administrativo (FUNDAP), 1993.

Vezzoli, Carlo. 2010. *Design de sistemas para a sustentabilidade: teorias, métodos e ferramentas para o design sustentável de ~sistemas de satisfação~*. Salvador : EDUFBA, 2010.

Werbach, Adam. 2010. *Estratégia para sustentabilidade: uma nova forma de planejar a sua estratégia empresarial*. Rio de Janeiro : Elsevier, 2010.

